



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Gonçalves Baptista, Guilherme; Agatti Lüdorf, Sílvia Maria
"EDUCAÇÃO DO CORPO": A LEITURA DE UMA AGENDA EM CONSTRUÇÃO
Movimento, vol. 22, núm. 3, julio-septiembre, 2016, pp. 723-737
Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115347695004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

“EDUCAÇÃO DO CORPO”: A LEITURA DE UMA AGENDA EM CONSTRUÇÃO

“BODY EDUCATION”: READING AN AGENDA UNDER CONSTRUCTION

“EDUCACIÓN DEL CUERPO”: LA LECTURA DE UNA AGENDA EN CONSTRUCCIÓN

Guilherme Gonçalves Baptista*, Sílvia Maria Agatti Lüdorf*

Palavras chave:
Educação Física.
Corpo humano.
Formação de
conceito. Ciências
Humanas.

Resumo: Este artigo analisa os significados e os sentidos de “educação do corpo” na literatura científica brasileira, dada sua utilização mais recorrente nos últimos anos. Mediante revisão sistemática a partir de diferentes bases de dados, 51 artigos foram analisados. Detectou-se que seu uso se insere, sobretudo, nas Ciências Humanas e Sociais, com destaque para os trabalhos históricos, e que há significados e sentidos difusos a depender do referencial teórico utilizado nos estudos. Conclui-se que há um conceito em torno desse termo, mesmo que em um estágio inicial de teorização.

Keywords:
Physical Education.
Human Body.
Concept formation.
Humanities.

Abstract: This paper examines the meanings and senses of “body education” in Brazilian scientific literature, given their more common use in recent years. Through systematic review in distinct databases, 51 articles were analyzed. Its use has been found to occur mainly in the humanities and social sciences, with emphasis on historical works. There are also diffuse meanings and senses according to the studies’ theoretical support. In conclusion, there is a concept about the term even though at an early theorizing stage.

Palabras clave:
Educación Física.
Cuerpo Humano.
Formación
de Concepto.
Humanidades.

Resumen: Este artículo examina los significados y los sentidos de “educación del cuerpo” en la literatura científica brasileña, dada su utilización recurrente en los últimos años. A través de una revisión sistemática de diferentes bases de datos, se analizaron 51 artículos. Se detectó que su uso cae especialmente dentro de las humanidades y las ciencias sociales, con destaque para los trabajos históricos; además, existen significados y sentidos difusos de la referencia teórica utilizada en los estudios. Se concluye que hay un concepto alrededor de ese término, incluso en una etapa inicial de teorización.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: baptista.ufrj@yahoo.com.br

Recebido em: 12-10-2015
Aprovado em: 19-12-2015



1 INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século XX, o corpo ganha destaque em estudos das Ciências Humanas e Sociais com a constituição de distintas agendas (SHILLING, 2005). Tais agendas revelaram, e ainda demonstram, o corpo como um objeto fértil para pesquisas no campo científico ao evidenciarem amplo espectro de estudos a partir de abordagens teóricas variadas.

Dentre essas, a expressão “educação do corpo” merece atenção especial, dado seu significativo uso nas produções científicas nos últimos anos. Embora haja sinais do emprego cada vez mais recorrente do termo, o que mobilizou a realização deste estudo, observa-se uma ausência, na maioria das vezes, de sua definição. Em princípio, pode ser indício de que há certo consenso acerca de seu entendimento e, conseqüentemente, a dispensável obrigação de debater/esclarecer seu significado por ser eventualmente considerada uma expressão autoexplicativa. Moreno e Segantini,¹ entretanto, argumentam que, apesar de aparecer com regularidade principalmente nos estudos historiográficos da Educação Física, há uma preocupação ainda tímida em demarcar seu significado. Afinal, o que é “educação do corpo”?

Para situar o uso dessa expressão no cenário científico brasileiro, cabe destacar Soares (1996, 1998) como uma das precursoras e difusoras do estudo desta temática. Em sua tese de doutoramento já fez o uso dessa expressão: “Forma-se no século XIX, de um modo mais preciso que em outros momentos da história do homem ocidental, uma pedagogia do gesto e da vontade configurando-se, assim, uma ‘educação do corpo’ já reconhecida como importante” (SOARES, 1996, p. 1). Posteriormente a utiliza em várias de suas publicações ao abordar os investimentos de diferentes instâncias sociais sobre o corpo (SOARES, 2000, 2006, 2011). Na análise empreendida sobre os usos de roupas nas práticas corporais e esportivas entre os anos de 1920 e 1940 no Brasil, Soares (2011) se refere à “educação do corpo” como um processo de transformação das sensibilidades.

Alguns outros autores também mencionam esta expressão, tais como Vaz, Sayão e Pinto (2002, p. 10), que ressaltam a importância de se pensar a “educação do corpo” à luz do contexto sociocultural para “[...] dar maior amplitude para a Educação Física na escola e em ambientes educacionais voltados para as crianças pequenas [...]”. Goellner (2003), em perspectiva similar, ao tratar da produção cultural do corpo, destaca o papel da escola no processo de industrialização, que teria por base uma “educação do corpo”, no sentido de produzir corpos capazes de expressar e exibir normas e marcas da sociedade industrial. Aliás, Goellner (1998) já havia utilizado esse termo, de modo pontual, no artigo sobre a visibilidade do corpo feminino e as práticas corporais e esportivas no espaço urbano no início do século XX. Entretanto, o foco destes trabalhos não seria a conformação ou discussão de um conceito.

Uma busca a dicionários específicos da área traz uma informação relevante: Barbanti (2005), Melo (2007) e González e Fensterseifer (2005) não apresentam esse verbete em suas folhas. Contudo, em edição mais recente, há a inclusão de “educação do corpo” (SOARES, 2014), o que pode ser um indício do destaque que a expressão adquiriu nos últimos anos. De acordo com Soares (2014, p. 220-221):

¹ MORENO, Andrea; SEGANTINI, Verona. A educação do corpo nos espaços de sociabilidade do urbano: investigação sobre os investimentos no corpo em Belo Horizonte (1891-1930). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., Goiânia, 2006. *Anais...* Goiás: UCG, 2006. p. 1-10.

Educar o corpo vem sendo, desse modo, torná-lo adequado ao convívio social e inseri-lo em processos de aprendizagens que buscam encobrir e apagar uma *natureza rebelde*, trazendo à luz uma *natureza pacificada*. Assim, seria, então, possível pensar que uma *educação do corpo* resulta da lenta elaboração de *pedagogias* que comportam técnicas e políticas especializadas [...] Uma educação do corpo, então, materializa-se por meio de *pedagogias* que expressam considerações e prescrições, lógicas e políticas algumas vezes precisas, outras, difusas, forjando novas sensibilidades e incidindo diretamente nas tolerâncias e intolerâncias em relação a si mesmo, ao outro e à vida pública. (Grifo nosso).

Conforme Koselleck (2011), toda linguagem é historicamente condicionada, sendo o oposto também verdadeiro. Logo, a semântica se relaciona a conteúdos que ultrapassam a dimensão linguística, uma vez que “os conceitos não são coisas; em certos aspectos, são armas [...] com os quais os contemporâneos [...] procuram consolidar a organização da realidade” (PROST, 2012, p. 131).

Ressalte-se, porém, a distinção entre conceito e palavra no pensamento koselleckiano, uma vez que “uma palavra contém possibilidades de significado, um conceito reúne em si diferentes totalidades de sentidos” (KOSELLECK, 2011, p. 109)². Em outros termos, embora todo conceito seja uma palavra, somente se torna conceito se “a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela” (KOSELLECK, 2011, p. 109). Nesse sentido, os conceitos expressam modos de pensar já sedimentados ao aliar em si a multiplicidade da experiência histórica, motivando, assim, sua natureza polissêmica.

Então, a partir dessa perspectiva, “educação do corpo” seria um conceito ou uma junção de palavras? É importante uma análise aprofundada acerca de sua utilização na literatura, todavia, há a necessidade de analisar o termo conforme sua peculiaridade e realidade. Assim, acentua-se aqui a preocupação com seu uso no campo científico brasileiro. Esse esforço de investigar os usos de determinadas palavras na literatura acadêmica brasileira já foi empreendido por outros autores, como, por exemplo, Lazzarotti Filho *et al.* (2010), acerca da expressão práticas corporais, e Melo (2010), sobre o conceito de esporte, trazendo contribuições valiosas para o campo científico.

Diante desses pontos, objetiva-se analisar o(s) significado(s) e o(s) sentido(s) de “educação do corpo” na literatura brasileira a fim de discutir a possível existência de um conceito.

2 MÉTODOS

Para atingir esse propósito, optou-se por uma revisão sistemática de literatura, que compreendeu duas etapas de seleção de artigos científicos. Priorizou-se a seleção apenas de artigos por compreender que o sistema *peer review* adotado pelos periódicos, em princípio, é um fator que qualifica o manuscrito no campo científico.

A primeira fase compreendeu a busca pelo termo “educação do corpo” nas bases de dados SciELO e Scopus, além do portal de evidências científicas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O critério de seleção inicial foi o filtro da língua portuguesa³ devido ao crescente número

² Sob as luzes de Goés e Cruz (2006), considera-se significado como a definição do termo e sentido como a apropriação feita dessa definição pelo(s) autor(es).

³ Procedimento realizado entre 14/07/2013 e 24/07/2013 e atualizado no dia 21/03/2015.

de adeptos desse termo na comunidade acadêmica brasileira. Os demais critérios foram: ser artigo original, de revisão ou ensaio – os artigos repetidos foram contabilizados somente uma vez; e permitir o acesso *online* ao texto na íntegra.

Os artigos foram sistematizados em uma planilha com as seguintes informações: data de acesso, referência textual, autor, área do autor⁴, instituição, definição do termo, referencial teórico⁵, assunto vinculado, periódico e observações gerais. Posteriormente, os dados foram tratados mediante análise de conteúdo, abalizada por dois princípios básicos: de repetição e de relevância (TURATO, 2003). Esse processo englobou as seguintes etapas: leitura flutuante, releitura e categorização.

Foram contabilizados trinta e seis artigos científicos publicados em diversos periódicos. Após uma análise inicial, observaram-se dois aspectos relevantes para o presente estudo: a Educação, com 17 artigos, e a Educação Física, com 16, foram as áreas em que o termo obteve maior incidência; e todos os artigos encontrados são ligados às Ciências Humanas e Sociais, com apenas uma exceção.

Considerando-se estes aspectos e o fato de que as bases possuem mecanismos de busca e de atualização diferenciados, o que poderia ter deixado à mercê da análise artigos publicados em período anterior, foi realizada uma segunda fase de seleção de artigos⁶, a fim de aperfeiçoar e enriquecer o processo efetuado.

Assim, a busca foi ampliada, sendo direcionada a alguns dos principais periódicos da Educação (*Pro-Posições*, *Revista Brasileira de Educação* e *Educação em Revista*) e da Educação Física (*Movimento*, *Motriz* e *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*). Essas revistas foram alvo por serem ligadas às áreas dos autores nas quais o termo aparece com mais frequência; por serem mais bem avaliadas pela Capes conforme o Qualis⁷ específico de cada área; e/ou por serem, primordialmente, das Ciências Humanas e Sociais, refletindo a natureza dos artigos encontrados na análise inicial⁸.

Destaca-se que nesse segundo processo foram investigadas todas as edições desses periódicos por meio de seus respectivos mecanismos de busca a fim de aprimorar o processo de mapeamento dos artigos. Essa segunda etapa de seleção contabilizou mais 15 artigos científicos⁹, chegando ao número total de 51 artigos publicados em diversos periódicos.

3 ENTRE A COMPLEXIDADE E A IMPRECISÃO

A partir da análise dos artigos, os autores adeptos do termo foram classificados em quatro áreas: Educação, Educação Física, Sociologia e Saúde Pública. Em um olhar focado

4 As informações referentes à área e instituição se referem ao autor principal do artigo. Quanto à classificação da área, obedeceu-se aos seguintes critérios: 1º) Programa de Pós-Graduação (PPG) ao qual o autor principal estava vinculado no período da publicação; 2º) Em caso de vínculo com mais de um PPG ou ausência de vínculo com qualquer PPG, verificou-se, por meio de análise do *Curriculum Lattes* do autor principal, a área com maior frequência de publicações; 3º) No equilíbrio de publicações por área, a classificação foi feita a partir do vínculo institucional; 4º) Na ausência de qualquer tipo de vínculo, optou-se pela área de formação inicial declarada no *Curriculum Lattes*.

5 Esse dado explicita se o trabalho referenciou especificamente algum autor para fundamentar o uso do termo “educação do corpo”.

6 Procedimento realizado entre 25/07/2013 e 26/07/2013 e atualizado em 21/03/2015.

7 Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para estratificação da qualidade da produção intelectual dos PPGs. Para essa avaliação, afere-se a qualidade dos artigos e outros tipos de produção, a partir da análise dos veículos de divulgação (periódicos científicos e anais de eventos). (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE ENSINO SUPERIOR, 2009).

8 Ressalta-se como exceção a revista *Motriz*, que, embora não seja primordialmente vinculada às Ciências Humanas e Sociais, foi escolhida por ser representativa no âmbito da Educação Física e ser uma das revistas nacionais mais bem avaliadas pela Capes.

9 Todos os artigos selecionados na segunda análise foram publicados em revistas de Educação Física.

no referencial teórico utilizado, emergiram cinco categorias de estudo: histórica (24 artigos), pedagógica (14 artigos), socioantropológica (seis artigos) e filosófico-epistemológica (seis artigos), biológica (um artigo). É importante ressaltar que, em alguns casos, o mesmo artigo poderia pertencer a mais de uma categoria. Nessas situações, o critério para classificá-lo foi averiguar o *curriculum lattes* do autor principal para identificar a qual delas haveria maior aderência de produções.

A Tabela 1 apresenta os trabalhos inseridos em cada categoria juntamente com a área do autor.

Tabela 1 – Categorias de estudo X Área do autor

Categorias de estudo	Áreas				Total de trabalhos
	Sociologia	Educação	Educação Física	Saúde Pública	Total
Histórica	-	15	9	-	24
Pedagógica	-	7	7	-	14
Socioantropológica	2	1	3	-	6
Filosófico-epistemológica	-	4	2	-	6
Biológica	-	-	-	1	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à classificação dos artigos, observa-se que a categoria histórica, mais representativa em termos quantitativos, abrange trabalhos, como “Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930)” (VAGO, 2007), que analisam os diferentes espaços e tempos que buscam (con)formar sujeitos e/ou grupos durante determinado recorte temporal. Os estudos alocados nesta categoria estão ancorados na ideia, exposta por Del Priore e Amantino (2011), de que a relação da sociedade com as concepções vigentes de corpo também reflete a complexidade das alterações sociais ao longo dos mais distintos tempos históricos. Esses trabalhos, portanto, oferecem subsídios para compreender as transformações corporais e a relação dos indivíduos com essas mudanças ao investigarem as representações do tempo passado.

Outra categoria que emergiu de maneira significativa foi a pedagógica, constituída por produções como: “Tempo e espaço para educação corporal no cotidiano de uma escola pública” (SOARES, A. J., 2010). Nessa categoria, os estudos focam, em sua maioria, os aspectos relacionados aos diferentes processos de ensino-aprendizagem e ao corpo no espaço escolar.

Essa referência ao corpo em ambientes educacionais institucionalizados está consonante à compreensão do papel, muitas vezes associado à escola, de inculcar atributos para garantir certo número de estados mentais e físicos que se julgam essenciais aos indivíduos (RODRIGUES, 1983). Como *locus* de (re)produção cultural e social e de legitimidade na sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 2006), a escola constitui-se como um importante vetor para a inscrição de características e de valores nos indivíduos.

Na categoria socioantropológica, representada por trabalhos como “Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas” (ALMEIDA; SUASSUNA, 2010), as pesquisas centram-se, principalmente, nas representações de corpo em determinados

contextos ou grupos sociais. Por meio dos saberes da sociologia e da antropologia, oferecem interpretações sobre o ser humano em relação ao espaço social através das práticas culturais voltadas ao corpo. Esses estudos são abalizados pela ideia da impossibilidade de dissociar as representações de corpo de seu contexto sociocultural, uma vez que o consideram como produto de uma construção simbólica (LE BRETON, 2011).

A categoria filosófico-epistemológica, exemplificada pelo trabalho “O corpo e o movimento como matrizes de criação e conhecimento: paralelos entre a poiésis grega e o vitalismo schopenhauriano” (ROBLE *et al.*, 2010), compreendeu um conjunto de estudos, em termos gerais, com o intuito de refletir acerca do corpo, utilizando-se de referencial de natureza filosófica e, em alguns casos, particularmente, pela vertente epistemológica. Esses trabalhos centram-se, sobretudo, na compreensão de que diferentes sentidos são produzidos pelo/para/no corpo, apresentando-se, assim, um novo espaço para o conhecimento (NÓBREGA, 2001).

Por fim, a categoria biológica englobou somente o artigo “Perspectivas da participação dos hospitais gerais na assistência aos doentes de hanseníase” (GUIMARAES, 1975). Esse trabalho utilizou referenciais pautados nos saberes biológicos, assumidamente vinculados às ciências biomédicas.

Soares (2006) já havia alertado para o uso mais constante de “educação do corpo” em estudos da história da Educação e da Educação Física. Todavia, a autora enfatizava, na época, ser pouco frequente a recorrência de trabalhos que problematizassem essa temática, até mesmo nessas áreas. Atualmente, ressalta-se que, além dos trabalhos de natureza histórica, há significativo aumento do termo em outras categorias, como a pedagógica, colaborando para torná-lo mais recorrente no campo científico.

No entanto, embora seja detectada uma variedade no uso de “educação do corpo”, notam-se algumas peculiaridades. A primeira delas é que, independentemente da categoria, a maioria dos artigos analisados não se preocupa em explicitar seu significado. Apenas três o fazem: Grando (2006, p. 29), representante da categoria socioantropológica, define como “técnicas e estéticas corporais com as quais a pessoa se constitui”; Richter e Vaz (2010, p. 55), classificado na categoria pedagógica, explicam como “lugares e tempo que abarcam um conjunto de normalizações que conformam hábitos e sensibilidades”; e Rogério Rodrigues (2009, p. 651), da categoria filosófico-epistemológica, esclarece como “um tipo de transmissão que passa pelas coisas do corpo e nessa modalidade de educação há muitas particularidades que não se expressam somente em palavras”.

Outra particularidade é que somente os trabalhos de Simões e Goellner (2012) e de Melo (2014) referenciaram um autor no uso do termo, coincidentemente a mesma: Soares (2006, 2001). Portanto, dos 51 trabalhos, 46 não apresentaram um significado explícito da expressão, o que apresenta sinais de seu uso “naturalizado” no campo científico.

Já nas definições propostas pelos autores, nota-se uma amplitude no significado do termo, possibilitando interpretações similares ou desiguais. Prost (2012) argumenta que a permanência de uma palavra não impossibilita uma troca de seu significado, uma vez que pode ser portadora de múltiplos significados, em decorrência do espaço e tempo em que é utilizada. Assim, os termos podem (e provavelmente irão) modificar seus significados a partir dos contextos nos quais são utilizados, com intuito, por exemplo, de adaptar seu uso ao campo/categoria e aos seus pares para se adequar às regras postas em jogo (BOURDIEU, 2004).

Deste modo, torna-se relevante analisar os sentidos atribuídos nas categorias para identificar as diferentes apropriações feitas do termo. Esses podem ser visualizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Relação dos sentidos de “educação do corpo” nas categorias de estudo

CATEGORIAS DE ESTUDO	SENTIDOS
Histórica	Processo de intervenção cultural
	Elemento formador de sensibilidades
	Processo de formação de valores na sociedade ou no indivíduo
	Educação Física
	Processo de inscrição de sentidos
Pedagógica	Processo de inscrição de valores na formação da sociedade e/ou indivíduo
	Processo de formação de subjetividades
	Educação dos gestos
	Produção e (con)formação de comportamentos
	Conjunto de normalizações que conformam hábitos e sensibilidades
Socioantropológica	Educação dos gestos
	Processo de transmissão de valores para a constituição do ser
	Práticas corporais
Filosófico-epistemológica	Educação dos gestos
	Produção e formação de sensibilidades
	Técnicas esportivas
Biológica	Educação Física

Fonte: Elaborado pelos autores.

Esses variados sentidos parecem representar, em certa medida, as lutas pela delimitação de um espaço de autoridade dos agentes, dialogando com os conflitos do campo e dos próprios sujeitos. Tais lutas ocorrem por meio de conformações, adaptações e rupturas na análise do objeto, afetando o uso do termo. Segundo Prost (2012), o empréstimo do termo, seja para um campo ou categoria de estudo desigual, acarreta a primeira distorção de seu entendimento que poderá ser adotada por outros, consecutivamente.

Logo, optou-se por aprimorar a análise dos seus sentidos a partir dos três princípios associados à existência corporal, propostos por Vigarello (2003). São eles: 1) princípio da eficácia: capacidade de ação do corpo sobre os objetos (VIGARELLO, 2003). O autor atrela essa face corporal, por exemplo, às habilidades dos trabalhadores, aos procedimentos físicos cotidianos, às práticas para a manutenção, treinamento e resistência corporal. Como Melo (2014), compreende-se a associação desse princípio ao corpo físico; 2) princípio de propriedade: face da existência corporal capaz de revelar os deslocamentos de sensibilidade no contexto histórico, representando as fronteiras corporais (VIGARELLO, 2003), ou educação dos espíritos/sensibilidades (MELO, 2014); e 3) princípio de identidade: manifestação de um processo de interiorização ou de pertencimento pelo corpo do sujeito (VIGARELLO, 2003), ou processo de (con)formação de um coletivo/grupo a partir de características comuns (MELO, 2014).

a) Categoria histórica:

Quadro 2 – Categoria histórica x princípio

Princípio	Número de artigos
Eficácia	9
Propriedade	5
Identidade	4
Eficácia, propriedade e identidade	3
Eficácia e propriedade	2
Eficácia e identidade	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nessa categoria, observou-se um vasto uso de “educação do corpo” e variedade quanto ao princípio utilizado. Um dos exemplos do uso associado ao princípio da eficácia pode ser representado pelo trecho de Lyra e Mazo (2010) que distingue educação do corpo de outros tipos de educação – educação do corpo, mente e espírito (educação integral) – e utiliza educação do físico como sinônimo de educação do corpo:

[...] havia uma preocupação latente em fazer com que *a educação do corpo estivesse articulada à educação dos espíritos e das mentalidades*. Reiterando os parâmetros anunciados pela educação moderna, a escola deveria defender a ideia de *educação integral*, na qual os objetivos e esforços pedagógicos recairiam sobre o equilíbrio da atenção dada ao corpo, à mente e ao espírito. [...] O extrato a seguir nos dá um exemplo da atenção dada à *educação do físico*, no arranjo de uma proposta educacional que se pretendia integral e, portanto, moderna (Lyra; Mazo, 2010, p.48-49, grifos nosso).

Segundo Soares (2006), as sociedades deixam para os primeiros planos alguns corpos e para o extracampo outros, sendo muitas vezes a face da experiência corporal física marginalizada. No entanto, a historiografia da Educação e da Educação Física parece apresentar um movimento que valoriza justamente, de maneira predominante, a materialidade corporal como objeto de análise na temática “educação do corpo”. Portanto, o emprego aqui de “educação do corpo” parece refletir o redirecionamento, mencionado por Porter (1991), da atenção dos estudiosos somente da história das ideias para a história do corpo ao chamar a atenção para a cultura da materialidade.

b) Categoria pedagógica:

Quadro 3 – Categoria pedagógica x princípio

Princípio	Número de artigos
Propriedade	11
Eficácia e propriedade	2
Eficácia, propriedade e identidade	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nessa categoria trata-se “educação do corpo”, sobretudo, como o processo designado para a inscrição de sentidos e comportamentos para a construção do “ser humano civilizado”. Isso fica ilustrado, por exemplo, no trecho de Richter e Vaz (2005, p. 91-92):

Deste pequeno inventário a respeito da educação do corpo na infância, destacamos alguns fundamentos fortemente vinculados ao controle civilizador da natureza desmedida, dos descontroles ameaçadores da racionalidade. Como sabemos, esse processo tem lá sua *boa racionalidade* – permite-nos que sigamos vivendo. [...] Talvez a Educação Física, ocupando-se do debate e da reflexão acerca desse *inventário de práticas corporais*, possa revelar outros elementos obscuros que se impõem silenciosamente na rotina e, assim, contribuir para uma formação humana que se comprometa com a desbarbarização da educação e, sobretudo, revele novos gestos de aproximação corporal e estética [...].

Essa predominância de aspectos da sensibilidade pode ter elo com a preocupação em analisar a dinâmica de formas sociais específicas que produzem comportamentos e códigos sociais a partir das relações entre indivíduos e/ou grupos, rumo a uma ideia de civilização (ELIAS, 2011). Assim, a escola aparece como ambiente institucionalizado de educação, onde há diversos esforços pedagógicos em seu interior com o objetivo de alinhar, promover e/ou romper com algum modelo social, procurando dar conta das experiências históricas que ocorrem no seio social (OLIVEIRA, 2006).

Já o artigo de Santos e Goellner (2014, p. 379) é interessante para ilustrar os trabalhos que utilizam os três princípios. Ao considerar que a Pedagogia da Igreja Adventista contempla “processos pedagógicos direcionados para a educação do corpo, a partir da adesão ou não a determinadas práticas corporais de modo a torná-lo saudável, útil à sociedade e devoto de Deus”, os autores destacam a dimensão física, intelectual/sensível e identitária dessa proposta:

A dimensão física dos sujeitos integra a proposta de educação pregada pelo Adventismo do Sétimo Dia que, como uma atividade redentora, tem por objetivo a restauração integral do educando à imagem do seu Criador. Nesse processo os aspectos intelectuais e espirituais ocupam posição de destaque nas atividades realizadas na escola. Os aspectos físicos, no entanto, não são negligenciados e, por esse motivo, integram suas proposições pedagógicas (SANTOS; GOELLNER, 2014, p. 382).

c) Categoria socioantropológica:

Quadro 4 – Categoria socioantropológica x princípio

Princípio	Número de artigos
Identidade	4
Propriedade	1
Eficácia	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Sob as luzes de Lévi-Strauss, Rodrigues (1983) aponta que o comportamento e as relações sociais constituem uma linguagem que serve como ordenadora entre o homem e o mundo, substituindo o aleatório pelo organizado e, conseqüentemente, permite a construção de um pensamento coletivo, que envolve crenças, valores, expectativas e interações. Nesse sentido, percebe-se a “educação do corpo” nessa categoria, sobretudo, como o processo responsável pela tarefa de construir esse pensamento coletivo e inserir o indivíduo em um grupo.

Essa classificação pode ser exemplificada pelo trecho do artigo de Grando (2006, p. 28-29) sobre as diferentes maneiras de ser a partir das práticas corporais no contexto da Aldeia Meruri (os bororo):

[...] o jogo que explicita os conflitos dessas culturas e possibilita uma mediação para que a educação do corpo boe¹⁰ seja garantida e que as crianças e jovens possam continuar a se identificar como bororo e interagir com a sociedade envolvente.

d) Categoria filosófico-epistemológica: 3

Quadro 5 – Categoria filosófico-epistemológica x princípio

Princípio	Número de artigos
Propriedade	4
Eficácia	2

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que novamente se destaca a perspectiva da educação dos comportamentos e dos sentidos dos indivíduos para promover uma ideia de civilização, demonstrando os deslocamentos e as produções de sensibilidades ao longo do tempo e do espaço. Essa definição é exemplificada na seguinte passagem de Nóbrega (2005, p. 600-601):

Há na cultura renascentista formas de educação do corpo divulgadas pelos manuais pedagógicos, por exemplo o tratado *A civilidade pueril*, de Erasmo de Roterdã (1978), no qual encontramos importantes reflexões sobre a educação dos gestos. As atitudes exteriores não são gestos superficiais, inúteis ou desnecessários, elas revelam o homem interior, por isso a educação deve preocupar-se com esses aspectos.

Já nos artigos associados ao princípio da eficácia (RODRIGUES, R., 2009; 2015), o termo mostra-se alinhado às noções de técnicas corporais, de Marcel Mauss, e aos exercícios corporais, como pode ser ilustrado no trecho que aborda a dificuldade entre ensinar e o aprendiz executar o movimento corporal:

Percebe-se como resultado dessa análise sobre a transmissão de técnicas do corpo no ensino do Kendo que este se encontra em dificuldade para realizar no *outro* a educação do corpo, mais propriamente, é (im)possível transmitir o saber para a execução dos movimentos corporais (RODRIGUES, R.2009, p. 651).

e) Categoria biológica:

O único uso do termo nessa categoria, representado por Guimarães (1975), associa-se ao princípio da eficácia, vinculando-se ao corpo físico, comumente chamado nas ciências biomédicas de corpo clínico, como visto na passagem:

É destacada a importância da *educação do corpo clínico*, administração e pacientes dos hospitais, bem como do público em geral, como meio de tornar factível, a curto prazo, a integração da assistência dos portadores de hanseníase nos hospitais gerais (GUIMARÃES, 1975, p. 1).

Percebe-se que, embora haja vários sentidos atribuídos ao termo, houve a predominância de algum princípio conforme a categoria: a) histórica – princípio da eficácia; b) pedagógica – princípio de propriedade; c) socioantropológica – princípio de identidade; d) filosófico-epistemológica – princípio de propriedade e e) biológica – princípio da eficácia. Essa predominância indica que o sentido atribuído à “educação do corpo”, por vezes, é representado de maneira mais recorrente em determinada categoria somente por uma face da existência corporal (corpo físico apenas, por exemplo).

¹⁰ Boe é a autodenominação do povo indígena bororo.

Entretanto, tal termo também pode contemplar mais de uma face ou até mesmo as três faces da existência corporal (eficácia, propriedade e identidade), como ilustrado pelos dados. Essa possibilidade de fragmentação da análise do corpo, representada aqui pelas faces da existência corporal, pode estar associada às diferentes concepções de corpo e ao prestígio de determinada face em cada área.

Já a alteração de seus sentidos na mesma categoria pode demonstrar o processo político conflituoso no campo científico e nos diferentes aportes teóricos em torno dessa temática, conforme advertiu Feres Júnior (2007). Na categoria pedagógica, por exemplo, o entendimento do termo tem uma acentuada semelhança quanto a sua utilização, apesar de nenhum autor ser referenciado no uso do termo. Já a histórica parece carecer de maior capacidade de generalização devido aos distintos sentidos da expressão.

Ressalta-se, também, que o baixo número de artigos nas categorias socioantropológica, filosófico-epistemológica e biológica pode beneficiar certo tipo de entendimento do termo, já que a consonância da interpretação pode ser fruto de uma restrição de olhares e não somente de um processo de teorização envidado pelos autores. É imprescindível acentuar que, distante de buscar unicidade do sentido do termo em cada categoria de estudo, a teorização da expressão está alinhada à necessidade de ampliar os olhares com intuito de melhor compreender seu significado.

Aliás, a plasticidade do termo, ao englobar tanto as três faces, duas ou apenas uma delas, possibilita compreender em certas ocasiões o distanciamento entre “educação do corpo” e alguns possíveis sinônimos encontrados na literatura, tais como: Educação Física, educação do físico, educação dos sentidos, educação dos gestos ou, até mesmo, somente educação.

Outro marco no uso de “educação do corpo” é a relevância dada à ordem do simbólico. As representações e intervenções para/pelo/no corpo, independentemente do princípio em que foram classificados os sentidos do termo, não foram consideradas destituídas de disputas de poder, com a exceção do trabalho na categoria biológica. Nem mesmo nos estudos que estabelecem uma intervenção mais no plano material à “educação do corpo” (princípio da eficácia), o simbólico deixou de desempenhar papel central na análise.

Aliás, apesar da despreocupação em determinar os significados de “educação do corpo”, percebe-se que há variações, mas também semelhanças em seu significado. Quanto às semelhanças, observa-se que seu uso representa processos normativos que englobam as diferentes facetas do corpo em sua complexidade. Esse entendimento por parte dos autores é fruto da ideia de que o corpo é resultado de constantes investimentos de poder¹¹ (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008) e, como bem questionou Oliveira (2007, p. 119), do consenso que “*tudo educa o tempo todo* no âmbito das chamadas manifestações corporais”. Já as variações e diferenças residem, justamente, nas distintas possibilidades de estudo do corpo, com base, por exemplo, na legitimação do objeto de estudo no campo e nos referenciais teóricos utilizados pelos autores.

Pode-se argumentar, com base em Koselleck (2011), que há um conceito em torno dessa expressão, uma vez que representa modos de pensar já sedimentados e apresenta diversidade de sentidos e possibilidades de significado, conquanto seu uso seja aparentemente tracejado, em geral, de maneira intuitiva sem maiores problematizações. Sendo assim, subsidiado pelo mapeamento dos significados e dos sentidos depreendidos do uso do termo

11 Assim como Ortega (2005), não se está negando a materialidade do corpo ou reduzindo-o a apenas efeitos de poder.

em parte da literatura acadêmica brasileira, “educação do corpo” poderia ser compreendida como um processo de normatização, não monolítico, do ser humano através de discursos de poder dispersos nos diferentes espaços e tempos que transpassam o corpo na tentativa de (con)formar os sujeitos por meio de suas carnes, suas sensibilidades e/ou seus espíritos.

É importante salientar que, apesar de ser característico de todos os conceitos, “educação do corpo” ainda possui uma volatilidade acentuada. Isso pode causar ruídos em sua interpretação por parte do leitor, principalmente, por dois fatores conjuntamente: o conceito é representado de diversas maneiras, mesmo por atores ditos especializados, e, sobretudo, está, em princípio, em um estágio de crescimento e adaptação em relação ao seu uso no campo científico. Esse segundo item ganha relevo, uma vez que o conceito ainda está em processo, aparentemente inicial, de teorização e de reflexão na literatura acadêmica brasileira por ter começado a ser utilizado de maneira mais recorrente nos últimos anos. Deste modo, mesmo que destacada a existência de um conceito, esse se mostra em um processo – ainda que seja um processo permanente – de construção por meio da teorização, reflexão e utilização nos diferentes campos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar os usos de “educação do corpo” em parte da literatura científica a partir das cinco categorias emergidas, compreende-se que o termo apresenta maior proeminência, ou, por que não dizer, maior aceitação/legitimidade, no cenário da pesquisa histórica e pedagógica nos campos da Educação e da Educação Física. Por outro lado, as categorias com menor número de trabalhos foram a socioantropológica, a filosófico-epistemológica e a biológica.

Nota-se que a constituição da agenda intitulada “educação do corpo” abrange várias facetas e diversas possibilidades de discussão em torno do corpo a partir dos diferentes espaços e tempos sociais. Aliás, apesar de seu uso ocorrer muitas vezes, ao que tudo indica, de maneira intuitiva, observou-se a existência de um conceito de “educação do corpo”, marcado notadamente pela ordem simbólica, em sua análise.

Ressalte-se que apesar do esforço depreendido para o entendimento de “educação do corpo” através do mapeamento dos sentidos e significados atribuídos pelos seus adeptos, há necessidade de se ampliar as possibilidades de interpretação. Nesse sentido, sugere-se aprofundar discussões a partir de outras fontes, tais como dissertações, teses e livros, bem como demais variações linguísticas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Arthur; SUASSUNA, Dulce A. Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 53-71, 2010.
- BARBANTI, Valdir. **Dicionário de educação física e do esporte**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE ENSINO SUPERIOR. **Qualis**. Publicado em 06 de março de 2009. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=2550:capex-aprova-a-nova-classificacao-do-qualis>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. Apresentação. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 9–12.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERES JÚNIOR, João. Entrevista com João Feres Júnior. **Habitus**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/index.php/ojs/article/view/143/136>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

GOÊS, Maria Cecília; CRUZ, Maria Nazaré. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 31–45, 2006.

GOELLNER, Silvana. As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. **Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 47–57, 1998.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28–40.

GONZÁLEZ, Fernando; FENSTERSEIFER, Paulo (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GRANDO, Beleni. O jogo da identidade boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 27–43, 2006.

GUIMARAES, Cid. Perspectivas da participação dos hospitais gerais na assistência aos doentes de hanseníase. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 401–407, 1975.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

LAZZAROTTI FILHO, Ari *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11–29, 2010.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LYRA, Vanessa; MAZO, Janice. A Escola Superior de Educação Física e o campo da formação de professores do estado sul-riograndense: as origens da formação especializada (1869–1929). **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, p. 37–60, 2010. N. esp.

MELO, Victor Andrade. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados, 2007.

MELO, Victor Andrade. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 41–57, 2010.

MELO, Victor Andrade. Educação do corpo - bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 751–766, 2014.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da educação física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 7, n. 16, p. 1–11, 2001.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 599–615, 2005.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. A título de apresentação, educação do corpo na escola brasileira: teoria e história. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 1–34.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Renovação historiográfica na educação física brasileira. SOARES, C. L. (org.). **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. p. 117–138.

ORTEGA, Francisco. Fenomenologia da visceralidade. Notas sobre o impacto das tecnologias de visualização médica na corporeidade. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1875-1883, 2005.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991. p. 291-326.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, 2008.

PROST, Antoine. Os conceitos. In: PROST, A. **Doze lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 115-132.

RITCHER, Ana; VAZ, Alexandre. Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 26, n. 3, p. 79-93, 2005.

RITCHER, Ana; VAZ, Alexandre. Educação Física, educação do corpo e pequena infância: interfaces e contradições na rotina de uma creche. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 53-70, 2010.

ROBLE, Odilon *et al.* O corpo e o movimento como matrizes de criação e conhecimento: paralelos entre a poíesis grega e o vitalismo schopenhauriano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 297-313, 2012.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

RODRIGUES, Rogério. A educação de corpo e alma como elemento para a produção do sujeito saudável. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 13-30, 2015.

RODRIGUES, Rogério. Fazer *Kendo* e pensar a educação do corpo. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 648-656, 2009.

SANTOS, Luís; GOELLNER, Silvana. As práticas corporais e a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino. **Revista de Educação Física UEM**, Maringá, v. 25, n. 3, p. 379-390, 2014.

SHILLING, Chris. Sociology and the body: classical traditions and new agendas. **The Sociological Review**, London, v.55, p. 2-18, 2005.

SIMÕES, Renata; GOELLNER, Silvana. Educação física e esportes na ação integralista brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 263-272, 2012.

SOARES, Antonio Jorge *et al.* Tempo e espaço para educação corporal no cotidiano de uma escola pública. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 71-96, 2010.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX**. 1996. Campinas: Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. Notas sobre a educação do corpo. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 43-60, 2000.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 109-129.

SOARES, Carmen Lúcia. Prefácio. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. IX-XIV.

SOARES, Carmen Lúcia. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 81-96, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação do corpo. *In*: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Editora UNIJUI, 2014. p. 219-225.

TURATO, Egberto. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

VAGO, Tarcísio. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 77-97, 2007.

VAZ, Alexandre; SAYÃO, Deborah; PINTO, Fábio. **Educação do corpo e formação de professores**: reflexões sobre a prática de ensino de educação física. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

VIGARELLO, George. A história e os modelos do corpo. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 21, p. 21–29, 2003.